

O jogo do terrorismo

J. Roberto Whitaker Penteado

Tenha sido o grupo de Bin Laden, a Al-Qaeda, ou qualquer outra combinação de pessoas e interesses enlouquecidos pelo ódio, o resultado das ações perpetradas a partir de 11 de setembro foi muito além dos seus mais ambiciosos planos de inflicção de sofrimento e predação ao mundo ocidental mas que se metastaseou por todas as sociedades.

Não há reconhecimento, nem consenso, mas as economias das nações estão em frangalhos; suas instituições organizacionais abaladas e os cidadãos comuns em pânico. Fala-se em guerra, mas, de fato, ainda não sabemos o que, exatamente, mudou nem como mudou. Talvez pela primeira vez na história do mundo, a grande maioria da humanidade encontra-se diante de um mesmo sentimento de insegurança. Como sabemos, desde Freud e mesmo antes a pior das sensações, geradora de paralizantes mecanismos psicológicos de defesa.

Terá sido isso tudo resultante do fato de que edifícios-ícones e vidas humanas foram destruídos, forças militares mobilizadas e da constatação de que serviços de correios ou dutos de ar-condicionado possam estar sendo utilizados para distribuir bactérias mortais? Ou é a versão?

Não há como escapar ao re-exame do papel da mídia em nossas vidas. Uma jovem perguntou-me: como é que foi durante a Guerra? Referia-se à de 1939. Só as pessoas entre 75 e 90 anos, que viveram a Guerra, é que talvez saibam e não aqui. No Brasil, era um assunto lido nos jornais e pouco ouvido pelo rádio. A evolução tecnológica das comunicações mudou tudo.

Creio que o primeiro evento divulgado instantaneamente pela mídia foi o assassinato de Kennedy, em 1963. Nas quatro décadas seguintes, ampliou-se e aperfeiçoou-se a rede.

Sem entrar na discussão sobre o que é notícia, ela é, sem dúvida, a mensagem que o meio transmite. O meio é a mensagem como estudamos na Faculdade de Comunicação. Nas primeiras horas do 11 de setembro, na transmissão ao vivo pela CNN ouvi, do competente "âncora" da estação, que tinham fechado suas portas aos boatos e especulações. Os fatos eram, então, maiores do que a disponibilidade de conteúdo. Gradualmente, contudo, as portas foram-se reabrindo. E não foram só as da CNN, pois há uma realidade perversa da mídia como produto de consumo: entre os anúncios, há espaços pouco flexíveis, de tempo ou papel, para preencher. Aliás, naquele dia 11, a emissora americana não transmitiu anúncios.

Na ânsia de promover a novidade das cartas envenenadas, jornais brasileiros noticiaram: Antraz chegou ao Rio. E, no dia seguinte: carta ao Times não continha bactérias. Não de todo dissimilar ao antigo, burocrático aviso aos navegantes da Voz do Brasil: não há aviso aos navegantes. Mas não é privilégio nosso. Uma amiga, da Itália, escreveu-me para contar que o apresentador da RAI iniciou o noticiário afirmando, entusiasmado: Allora possiamo dire che la guerra biologica è incominciata! Outro amigo conta-me sobre um depoimento ouvido num debate pela TV a cabo: Nós, brasileiros, temos a mania de estar acima desses problemas, mas temos de nos preparar, agora, que o terror virá de todo lado. Acabaram-se os tempos de tranquilidade. O melhor é tomar desde já todas as precauções, agir como se já estivéssemos em guerra, porque já estamos. "Você precisava ver", disse-me, "como os olhos do cara rutilavam".

Uma outra anedota, conhecida dos estudantes de jornalismo, porque contada por um colega veterano: numa redação, de onde se viam aviões partindo e chegando no aeroporto, um dia, em que faltava assunto, um dos repórteres olhava pela janela e torcia: Cai, avião, cai.

Não se pode negar o efeito dominó ou avalanche da difusão da notícia. Mais do que a destruição imediata, o terrorista conta com a divulgação do seu ato. Quanto mais, melhor e pior para nós, que não somos terroristas. Se é medonhamente complexo tramar um vôo suicida de um avião comercial, é assustadoramente simples ao alcance de qualquer moleque alfabetizado polvilhar de pó branco um cantinho do shopping center e telefonar, de um orelhão, aos bombeiros e à polícia.

Que fazer? A resposta não é simples como o fundamentalismo, nem rápida como a violência. Mas os profissionais de comunicação, temos de procurá-la tenazmente. Sobretudo agora, para não sermos parceiros no jogo do terrorismo mundial.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=450&ID=70>>. Acesso em: 24 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais